

**COLEÇÃO DE DESENHOS DE LYGIA SAMPAIO: ATELIÊ DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA  
MRA E SUAS FONTES DE HISTÓRIA DA ARTE MODERNISTA BAIANA**

**Cristiano Silva Cardoso**

Museólogo; Diretor do Museu Regional de Arte CUCA/UEFS; Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação GESTEC/UNEB. E-mail: ccardoso@uefs.br

**Willivan do Carmo Santos**

Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana, bolsista Arte e Cultura pelo Museu Regional de Arte CUCA/UEFS. E-mail: willivancarsan@hotmail.com

**Amanda da Silva Borges**

Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana, bolsista Arte e Cultura pelo Museu Regional de Arte CUCA/UEFS. E-mail: amandabgrs@gmail.com

**Resumo**

Apresenta-se o trabalho de preservação da memória realizado pelo (MRA), através de seu espaço multifuncional Atelier de Conservação Preventiva. Tal iniciativa é balizada pelo intento de observação prévia e contínua do patrimônio cultural, e pela ampliação da noção do documento, salvaguardado pela instituição, à luz da historiografia do século XX. Nos processos metodológicos constam o tratamento do acervo doado pela artista baiana e modernista Lygia Sampaio, composto por desenhos, pinturas, livros e revistas de diversas naturezas e origens. O trato com o acervo após triagem e identificação resultou no registro em inventário, catalogação de itens e separação conforme categorias temáticas, elencando uma mostra de seus componentes mais pertinentes à preservação, tendo em vista o desenvolvimento de ações de preservação da cultura material e imaterial regional e local. Após procedimentos técnicos de higienização, toma corpo um conjunto de referenciais que dão forma a uma Bahia de outrora, que respirava os ares da inquietação, advindos com o desafio modernista nas artes. Resultados parciais indicam a presença de documentos (em diferentes suportes) embasando uma leitura não só sobre o traço, o desenho e as criações dessa artista, mas rememorando um tempo e um contexto que a influenciou, com artistas como Carybé, Mário Cravo, dentre outros.

**Palavras-Chave:** Patrimônio; Memória; Artes.

**Abstract**

Presented is the work of preservation of memory performed by (MRA), through its multifunctional space Atelier of Preventive Conservation. This initiative is marked by an attempt to observe cultural heritage in advance and by expanding the concept of the document, safeguarded by the institution, in the light of the historiography of the 20th century. The methodological processes include the treatment of the collection donated by the Bahian and modernist artist Lygia Sampaio, composed of engravings, paintings, books and magazines of various natures and origins. The treatment of the collection after sorting and identification resulted in inventorying, cataloging of items and separation according to thematic categories, listing a sample of its most pertinent components to preservation, in view of the development of actions to preserve the material and immaterial culture regional and local levels. After technical procedures of hygiene, a set of references forms that form a Bahia of old, that breathed the airs of the restlessness, coming from the modernist challenge in the arts. Partial results indicate the presence of documents (in different formats), based on

a reading not only about the artist's line, drawing and creations, but also recalling a time and context that influenced her and artists such as Carybé, Mário Cravo, among others.

**Keywords:** Patrimony; Memory; Art.

## 1. O Museu Regional de Arte e seu papel na sociedade Feirense

As origens do que hoje conhecemos como Museu remonta aos tempos do colecionismo e do diletantismo. Sua institucionalização se deu de maneira lenta e gradual, de local reservado a expor pequenas coleções particulares, ao desempenho do papel de guardiões do patrimônio cultural preservado (Xavier, 2005). Em 2007, o Conselho Internacional de Museus (ICOM) o definiu enquanto instituição sem fins lucrativos, permanente a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberto ao público, que adquire, conserva, pesquisa, divulga e expõe, o patrimônio material e imaterial da humanidade e seu meio ambiente; para fins de educação, estudo e lazer (ICOM, 2007). As concepções atuais que definem as ações de um museu, especialmente os com tipologia de artes visuais, o visualizam de forma sistêmica, englobando preocupações com a gestão de acervos, de mostras, de projetos educativos e da recepção de públicos, dotando muitas destas instituições com o status de laboratórios de práticas artísticas, discursivas e transdisciplinares, visto o dinamismo efêmero que as caracterizam.

O cenário em questão exige das equipes de trabalho o compromisso para a realização de projetos com qualidade, já que este deve formular e comunicar sentidos a partir dos acervos, e se tornar referência como instituição produtora não só de exposições, mas que parte de conhecimentos existentes, para desenvolver lógicas conceituais em que o público além de observar, possa também apropriá-las e recriá-las na forma de novos discursos.

O simples preenchimento do “lugar expositivo” não dá conta de expressar as sinergias que contornam os ambientes de um museu, e precisam ser potencializadas. A complexa cadeia operatória do *fato museal*, ou seja, o que Wladísia Rússio (1981) chamou da “relação profunda entre o sujeito/conhecedor, o objeto/bem patrimonial e a realidade pertencente a estes” (Russio, 1981, p. 92), em diversos níveis de consciência e apreensão precisa se desdobrar. Quem bem enfatizou isso foi Xavier (2005) ao referendar o processo museal, enquanto não linear, característico pela dinamicidade e pela oposição às seqüências mecânicas e

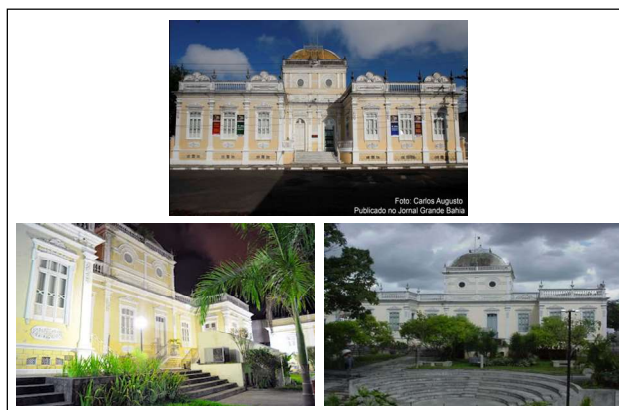
artificializadas (*idem*). Logo, locais de encontro e de intercâmbio estético entre os profissionais, os visitantes e os bens culturais.

O Museu Regional de Arte, também conhecido pelo acrônimo MRA, foi fundado no ano 1967, como reflexo de mobilizações de representantes da sociedade feirense, tais como intelectuais, políticos, artistas, empresários e estudantes que projetaram na criação desta instituição, mais um agente de dinamização da vida cultural no município.

À época, os esforços junto aos poderes municipais e estaduais tomaram corpo com o apoio de Assis Chateaubriand, empresário das comunicações e um incentivador das artes, responsável pela criação do Museu de Arte de São Paulo (MASP). Chateaubriand, que foi embaixador do Brasil na Inglaterra de (1957 a 1960) em 1967, esteve engajado na campanha nacional de interiorização das artes através da criação dos Museus Regionais<sup>1</sup>. A fundação desse espaço de lazer e educação, em solo feirense, favoreceu a apreciação de obras de arte reunidas numa vasta coleção de artes plásticas, na qual figuravam artistas modernistas brasileiros de destaque, incluindo baianos e feirenses e a coleção de modernistas ingleses, única em toda a América Latina. O quadro de imagens abaixo (figura 1) ilustra visões do histórico prédio de *arquitetura eclética* da antiga Escola Normal de Feira de Santana,

a Rua  
Franco, nº 66,  
cidade.

Conselheiro  
no Centro da



<sup>1</sup> Ao iniciar atividades o Museu Regional de Feira de Santana se tornou o segundo dos três museus criados com o apoio de Chateaubriand, como parte da campanha. O primeiro foi o Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco, em dezembro de 1966; e a terceira instituição criada foi o Museu Regional de Campina Grande (hoje chamado Museu de Artes Assis Chateaubriand), em agosto de 1967. Lourenço (1999) afirma que com esta campanha retifica-se a necessidade de estender a todas as regiões a formação de coleções, levando arte e aglutinando talentos locais. Há um acento na Arte Moderna, no que se refere às aquisições, já nas doações o cunho é contemporâneo e regional, daí o nome Museu Regional. Com a morte Chateaubriand o projeto foi interrompido. Para saber mais: LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus acolhem o Moderno*. São Paulo: EDUSP, 1999.

Figura 2. Quadro de imagens Fachada interna externa e interna MRA/CUCA/UEFS. Fonte:

[www.jornalgrandebahia.com.br](http://www.jornalgrandebahia.com.br) / [www.uefs.br](http://www.uefs.br)

## 2. Ateliê de Conservação Preventiva

Enquanto museu de arte vinculado a UEFS, o MRA busca guardar particularidades no desenvolvimento de suas propostas, tendo em vista o compromisso desta Universidade com a ampliação da cidadania através da educação. Assim, a lógica de preservação da memória e do patrimônio sociocultural arregimentada busca focar preocupações com a valorização de imagens, histórias e relatos que estimulem debates sobre as artes modernistas e contemporâneas, minimizando lacunas, especialmente contidas no interior do estado, no que se refere ao entendimento e divulgação da história do movimento modernista baiano.

Para tanto, nos últimos quatro anos, a equipe técnica do museu vem sendo qualificada por meio de uma política institucional, envolvendo teorias e práticas de conservação preventiva de acervos museológicos para a sistematização de registros importantes, sob a guarda desta instituição.

A etapa inicial deste trabalho consistiu: a) na atualização do Aparelho Documental do Acervo MRA através da elaboração de marcação alfanumérica, arrolamentos, fichas de identificação, consolidação e inventário de acervo; b) Política de Gestão Patrimonial: regimentos, livros de registros, restauro e conservação de acervos, ação cultural e educativa através da educomunicação; e Grupo de Pesquisa Museu e Educação que envolve em sua composição funcionários, bolsistas, professores, artistas e comunidade.

A segunda fase se consubstancia através da dinamização do espaço físico do Atelier de Conservação Preventiva - MRA. Instalado na sala do desativado Laboratório de Informática do CUCA (LIC). Atualmente esse local sedia um calendário de atividades envolvendo a promoção de debates e formações continuadas nos campos da educação patrimonial e da conservação de acervos (artísticos, documentais e bibliográficos), estimulando o contato com diferentes agentes da cadeia produtiva das artes no museu. O Atelier MRA objetiva ser uma ferramenta de compartilhamento de informações e procedimentos para a conservação preventiva, com viés na longevidade da relação patrimonial entre público e os acervos.

### **3. O Acervo Doado Por Lygia Sampaio ao MRA**

Um dos preceitos institucionais do MRA é a manutenção de uma salutar política de aquisição de acervo, estimulando a inserção de elementos estéticos que contribuam para o permanente historicizar da arte em Feira de Santana. Em 2013, na ocasião de preparação da mostra com os trabalhos da artista modernista Lygia Sampaio, diversificados elementos foram disponibilizados, a princípio para a montagem da concepção museológica a ser exposta na Galeria de Arte Carlo Barbosa CUCA/UEFS. Posteriormente, esse canal de comunicação estabelecido com uma das protagonistas desse movimento artístico foi continuado, enfatizando uma relação de cooperação para a reunião de elementos e fatos relativos ao processo de instalação da estética modernista em solo baiano. Como desdobramento da bem-sucedida exposição, o contato legou à instituição um conjunto de elementos que depois de sistematizados, podem embasar potenciais debates acadêmicos.

A soteropolitana Lygia da Silva Sampaio nasceu em 18 de Agosto de 1928. Fez Curso Livre de Desenho e o primeiro ano da Escola de Belas Artes (1948), frequentou o atelier de Mario Cravo e o grupo de Rescala em pintura ao ar livre, compôs o grupo renovador das artes plásticas baianas no fim da década de 1940. Longe dos olhares públicos, continuou pintando, angariando uma carreira considerável e dedicada ao mundo das artes. Em Feira de Santana, a Exposição “Da Linha à Cor” (período de 11 de setembro de 2013 a 28 de fevereiro de 2014) oportunizou a apreciação de uma arte caracterizada pela perfeita junção entre inspiração e autenticidade, em temas voltados ao cotidiano simples, com ruas, casas, pessoas e natureza, postos de modo delicado. Delicadeza que parte de sua personalidade e lhe confere o título de um dos maiores talentos de sua geração.

A vultosa doação da artista ao museu trata de um acervo pessoal angariado por mais de 50 anos, e contém obras, registros fotográficos, recortes jornalísticos e bibliográficos, contribuindo para a qualificação do trabalho de valorização da arte modernista na cidade.

### **4. A Memória Enquanto Ferramenta da Cidadania**

O conceito chave de memória desenvolvido por Jacques Le Goff, torna-se fundamental para a compreensão da importância da preservação das obras doadas pela modernista Lygia Sampaio. A concepção de Le Goff (1994), sobre memória, se

desdobra em uma lógica em que as experiências individuais e a memória coletiva estão imbricadas, entendendo-as como um instrumento de poder e uma forma importante na luta de classe, no tocante a evidências e silenciamentos. Assim, a memória se torna algo poderoso, pois aquele grupo que detém o controle sobre ela, acaba por moldá-la, privilegiando fatos e ações que mais lhe convenham, porque o lembrado não é o simples resultado da existência do passado, mas uma seleção particular, em fatos, sobre a memória coletiva.

Dessa forma, ainda de acordo com o pensamento de Le Goff, a memória é o local de nascimento da história, porém, a memória não é a História propriamente dita, mas um dos seus objetos e, também, um dos seus reflexos e opções de análise. Diferentemente da concepção da História Política tradicional, que vivia debaixo de um espectro centralizado de poder, e teve a pretensão de ser *memória* (FALCON, 1997).

Aqui, é importante entender que a história e a memória requerem duas tipologias de materiais: os documentos e os monumentos. Enquanto o primeiro é a herança e sinal do passado, o segundo é a escolha do historiador.

De quando do triunfo do documento sobre o monumento, para a escrita da história, é o texto que se coloca numa posição privilegiada. O triunfo do documento como sinônimo de texto vem com a escola positivista e, se em entrada, e, por longas datas, essa concepção permanece e o conteúdo vai se expandindo. A partir de 1929, a revista dos *Annales* insistiu numa larga e ampla concepção do documento, agora interessa tudo aquilo que estiver atrelado ao homem: tudo que dele depende, tudo que ele depende e que se relaciona a ele. A história continua atrelada ao documento e agora não é somente o escrito, o verbal, mas o imagético, sonoro, material, imaterial, o não-verbal.

O que está ao fundo dessa nova perspectiva de documento é a transformação das formas de ver e fazer a própria história, fica a sair de cena uma tendência tradicional, com uma narrativa de grandes feitos. Caminha-se para o novo revolucionário. Novos documentos são dados a ler, a música, a partitura, a pintura, a fotografia, o cinema, as artes plásticas, o desenho. Nesse passo, a memória se aproxima de outras ciências para ler esses novos documentos e encontrar metodologias adequadas para os novos textos.

Ampliada a noção documental, é preciso intervir na conservação da cultura material, organizar e sistematizar para possíveis produções. Um bom exemplo de

como a conservação e sistematização documental pode afetar a produção são os trabalhos sobre a família, diante de abordagens demográficas e econômicas, que saltaram em número. Mas, há uma concentração dessas pesquisas no eixo sul-sudeste do Brasil e a razão não reside na falta de documentos, mas na sistematização realizada por grandes centros como São Paulo, que “tiveram a possibilidade financeira de guardar e organizar sua memória em arquivos centrais, facilitando o trabalho de pesquisa” (FARIAS, 1997, p. 198).

Outra ferramenta que facilita as pesquisas é o uso das tecnologias. No século XX, o avanço tecnológico na área da informática foi incontestável, modificando as formas de fazer ciência. Conforme os computadores pessoais foram se popularizando, criou-se afinidades com a máquina, utilizando-a como ferramenta de trabalho, criando e aperfeiçoando novas metodologias e modificando conceitos. No que tange “ao trabalho nos museus, as transformações que a informática vem implantando nas instituições de memória apontam para um futuro diferente nas pesquisas em arquivos” (FIGUEREDO, 1997, p. 326).

No presente trabalho, visa-se apresentar as iniciativas da equipe multidisciplinar do Museu Regional de Arte (MRA) do Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA) que, através do Atelier de Conservação Preventiva, vem desenvolvendo trabalho para conservação e sistematização de fontes para a história da Arte Moderna Baiana.

## 5. Resultados Preliminares

O trabalho realizado tem como material a coleção Lygia Sampaio, composta de recortes de jornais, livros, fotografias, e obras da artista, reunidos na conformação da tabela 1, a seguir:

**Tabela 1** - Lista de doações para incorporação ao Acervo MRA, 2016.

<b>TABELA – ACERVOS DA COLEÇÃO LYGIA SAMPAIO</b>		
<b>Acervos</b>	<b>Descrição</b>	<b>Quantidade</b>
<b>Bibliográficos</b>	Livros, revistas e catálogos de diversas origens e natureza. Acervo múltiplo em temas e escritos de variados autores, com nomes nacionais, regionais, locais e internacionais. Os temas vão desde botânica até culinária, pensamento e espiritualidade, artístico e histórico, literatura, poesia.	<b>220</b>
<b>Recortes de Jornalísticos</b>	São recortes de notícias de periódicos que destacaram o trabalho da artista Lygia Sampaio. Composto por diversas colunas de diferentes jornais da Bahia.	<b>215</b>

<b>Registro Fotográfico</b>	Fotografia digital de todo acervo disponibilizado para montagem da exposição em Feira de Santana.	<b>200</b>
<b>Obras de Arte</b>	Composto por duas tipologias: a) pintura e desenhos traçados pela artista Lygia Sampaio; b) gravuras e pinturas originais de diversificados artistas doados para artista e que ela repassou ao MRA.	<b>30</b>

Fonte: Museu Regional de Arte – Atelier de Conservação Preventiva

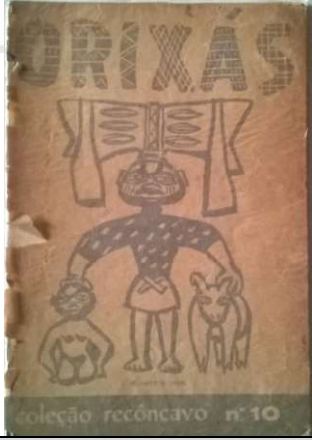
Para o devido enquadramento em categorias, foi elaborado um sistema documental de controle dos acervos através de fichas de identificação de seus elementos, formados por: a) Acervo Bibliográfico; b) Recortes Jornalísticos; c) Fotografias Digitais; d) Obras de Arte.

**a) Acervo Bibliográfico:**

Composto por livros, revistas e catálogos de diversas origens e natureza, é um conjunto múltiplo com temas e escritos de variados autores, formado por nomes nacionais, regionais, locais e internacionais. Os temas vão de botânica à culinária, pensamento e espiritualidade, artístico e histórico, literatura, poesia, totalizando 220 títulos. Dentre esses, há presença de edições raras das décadas de 1940 e 1950, como o exemplar da coleção Orixás, de autoria de Carybé e Pierre Verger (1951), conforme ficha 1.

**Quadro 1 - Ficha Acervo Bibliográfico MRA, 2016**

<b>FICHA CATALOGRÁFICA DO ACERVO BIBLIOGRÁFICO</b>
<b>Identificação do Objeto</b>
<b>1. Nº de Registro Anterior:</b>
<b>2. Coleção:</b> Lygia Sampaio
<b>3. Tipo:</b> Livro
<b>4. Título:</b> Orixás
<b>5. Autoria:</b> Carybé e Pierre Verger
<b>6. Data:</b> 1951
<b>7. Dimensões:</b> Altura/Largura: 23x16 cm
<b>8. Páginas:</b> 32
<b>9. Área de conhecimento:</b> Artístico
<b>10. Biografia do artista:</b>
<b>11. Procedência:</b> Doação feita por Lygia Sampaio
<b>12. Data de Aquisição:</b>
<b>13. Marcas e Inscricões:</b> [ ] Autógrafo [ x ] Nome da doadora
<b>14. Estado de Conservação:</b> Regular. Folhas oxidadas e soltando.
<b>15. Descrição do Objeto:</b>

	<p>Escrito por Pierre Verger e com desenhos de Carybé, o livro traz uma linguagem simples e claramente explicativa sobre o Candomblé, Terreiros, os instrumentos utilizados para os cultos e os principais orixás com características, cores e símbolos.</p>
<p><b>16. Dados Históricos:</b> Exemplar 1170 de 1500  <b>Conservação do Objeto</b>  <b>17. Diagnóstico:</b> Sujidade  <b>18. Intervenções Anteriores:</b> Não  <b>19. Recomendações:</b> Limpeza com trinchas, a extração dos grampos.</p>	

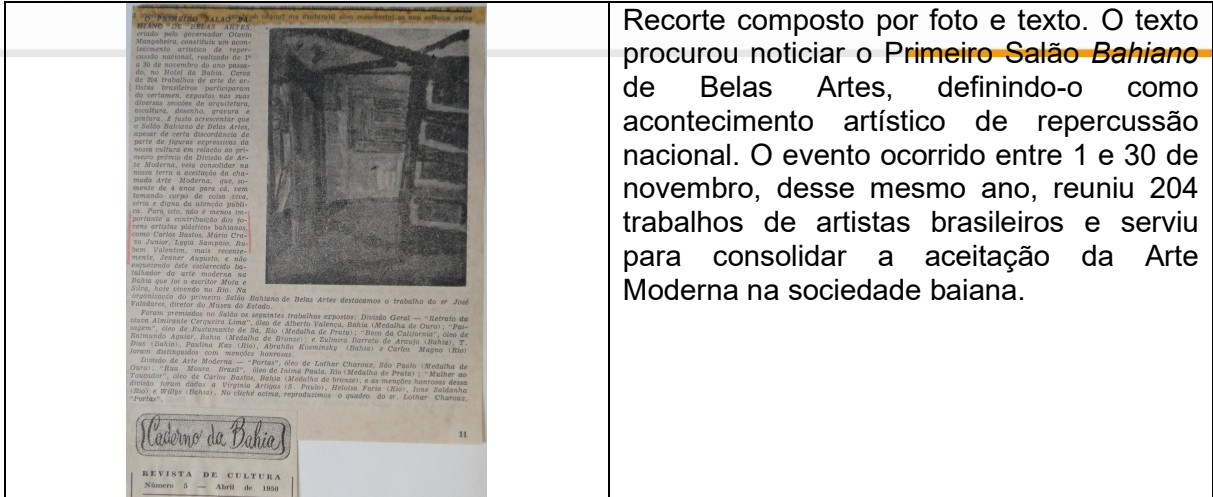
Fonte: Museu Regional de Arte – Atelier de Conservação Preventiva.

**b) Recortes Jornalísticos:**

Composta por recortes de notícias de periódicos que destacaram o trabalho da artista Lygia Sampaio. Reúne críticas feitas por diversas colunas em diferentes jornais da Bahia. Um exemplo é a nota do Caderno da Bahia de 05 de abril de 1950 noticiando a realização do *Primeiro Salão Bahiano de Belas Artes*, conforme visto abaixo no quadro 2.

**Quadro 2 - Ficha catalográfica Acervo Jornalístico, MRA 2016.**

<b>FICHA CATALOGRÁFICA DO ACERVO JORNALÍSTICO</b>	
<b>Identificação do Objeto</b>	
<b>1. Número de Registro:</b>	
<b>2. Nº de Registro Anterior:</b>	
<b>3. Coleção:</b> Lygia Sampaio	
<b>4. Tipo:</b> Recorte de Jornal	
<b>5. Título:</b> Sem título	
<b>6. Autoria:</b> CADERNO DA BAHIA	
<b>7. Data:</b> 5 de Abril de 1950.	
<b>8. Páginas:</b> 1	
<b>9. Área de conhecimento:</b> Jornalismo	
<b>10. Procedência:</b>	
<b>11. Data de Aquisição:</b> 08/01/2012	
<b>12. Descrição do Objeto:</b>	

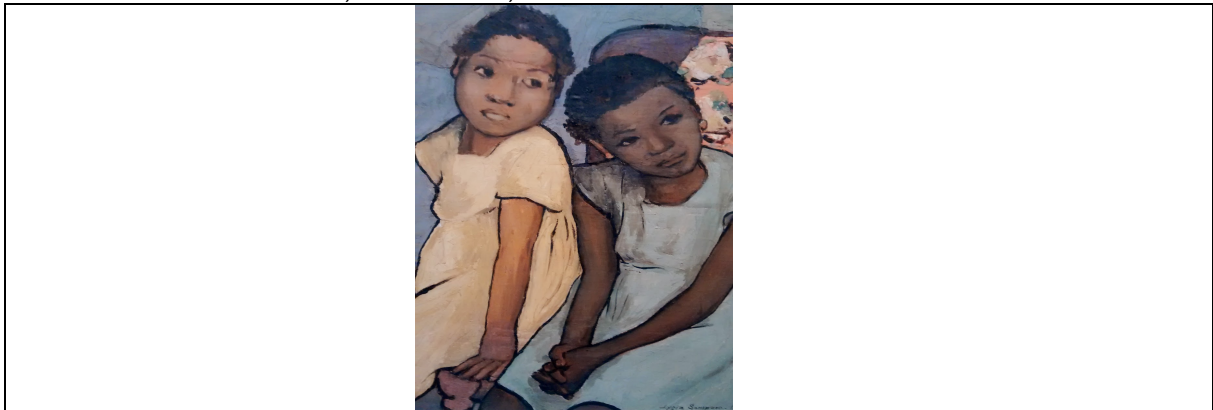


Fonte: Museu Regional de Arte – Atelier de Conservação Preventiva

**c) Fotografias Digitais**

Esta coleção é composta pelo registro fotográfico digital de todo acervo disponibilizado para montagem da exposição em Feira de Santana.

**Imagem 1 -** Fotografia da pintura óleo sobre tela Cici e Vardete, primeira pintura comercializada da artista, 1950. MRA, 2016.



Fonte: Museu Regional de Arte – Atelier de Conservação Preventiva

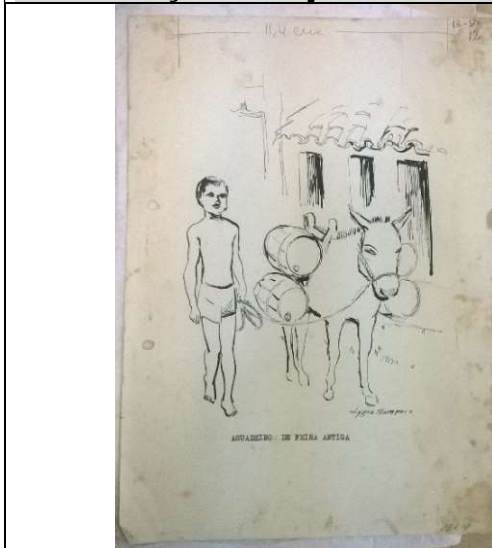
**d) Obras de Arte**

Neste conjunto destacam-se dois grupos de obras, o primeiro refere-se a uma pintura original óleo sobre tela intitulada Ladeira da Palma de 1960, associada a um conjunto de 24 (vinte e quatro) gravuras de sua autoria, que compuseram as ilustrações do livro “Feira de Santana e Vale do Jacuípe” de autoria de seu pai Gastão Sampaio. O segundo grupo refere-se as gravuras e pinturas originais sobre papel, doados a artista e que ela repassou MRA. Abaixo (quadro 3) ilustramos com umas imagens que retratam o cotidiano feirense nas décadas de 1960.

**Quadro 3 -** Ficha catalográfica acervo de obras, MRA 2016.

**Identificação do Objeto**

1. **Coleção:** Lygia Sampaio.
2. **Tipo:** Desenho - Autoral
3. **Título:** Aguadeiro de Feira Antiga
4. **Autoria:** Lygia Sampaio
5. **Data:**
6. **Área:** Artístico/ Desenho
7. **Procedência:**
8. **Data de Aquisição:**
9. **Descrição do Objeto:**



Desenho feito com traços leves e finos, sem pintura. No papel, um menino em pé ao lado de um animal mamífero perissodáctilo. Magro, o menino está sem camisa, descalço e com um curto short, acima dos joelhos. O animal carrega quatro barris de madeira, tem em seu focinho um cabresto segurado pelo menino. Ambos andam por, aquilo que parece ser, uma estrada de terra com uma casa ao fundo na diagonal direita.

Fonte: Museu Regional de Arte – Atelier de Conservação Preventiva.

## 6. Considerações Finais

A iniciativa tem por objetivo minimizar o déficit do MRA no que se refere a sistematização, e principalmente, a disponibilização de aparato documental sobre a história da arte modernista e contemporânea salvaguardada pela instituição. Trata-se de evidenciar a importância dos registros que por muito tempo estiveram dispersos. Um convite aberto a reflexão pautada na cultura material e na experiência social, por meio de interações estéticas em diferentes fontes, contribuindo para a produção de conhecimento, bem como para a valorização e o fortalecimento da identidade cultural baiana. Após lançamento do site do MRA, a etapa seguinte consiste na digitalização e disponibilização destes resultados em espaço reservado no ambiente virtual do museu.

## 7. Referências

FALCON, Francisco. História e Poder. *In.*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo.

(Orgs.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. São Paulo: Campus Elsevier, 1997.

FARIA, Sheila de Castro. História da Família e Demografia Histórica. *In.*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. São Paulo: Campus Elsevier, 1997.

FIGUEREDO, Luciano R. História e Informática: o uso do computador. *In.*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. São Paulo: Campus Elsevier, 1997.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

RAMOS, F. R. L. **A Doação do Objeto O Museu no Ensino de História**. Chapecó: Argos, 2004.

RUSSIO, W. **Interdisciplinarity in museology**. *Museological Working Papers - MuWoP* 2, 1981.

XAVIER, M. C. **Comunicação e pesquisa de recepção**: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. *Suplemento história ciências, saúde*. Rio de Janeiro: Manguinhos (p 365-380), 2005.